

etnográfico e surdo aos *anthropological blues* sem que isso o condene à ingenuidade (afinal, o mau-humor e o distanciamento não garantem a perspicácia).

O livro de Brandão oferece uma bela caminhada a um leitor paciente que possa dispensar as muletas acadêmicas, mas na academia propriamente dita pode despertar uma questão: a de saber se há na fogueira pós-moderna (já meio apagada) alguma lenha que não venha da derrubada ou da poda dos velhos gêneros ou das velhas retóricas etnográficas. É um belo livro que pode inspirar feias imitações. O diálogo, mais ou menos franco e desigual, anterior ao texto, faz parte da etnografia há muito tempo: Brandão é um mestre nele. A antropologia crítica o captura e expõe dentro do texto. E depois? É difícil dialogar com um livro dialógico; pode-se citar (preferencialmente em epígrafe), degustar, ignorar, quase nunca discutir – caberia se perguntar se o diálogo lá equivale por força ao monólogo cá. Mas talvez seja melhor assim.

Uma ilha caribenha desenterra seu passado

Alofs, L.; Rutgers, W. & Coomans, E. H., 1997. *Stichting Libri Antilliani Arubaans Akkoord: Opstellen over Aruba Van Vóór de Komst Van de Olieindustrie* ["Concórdia arubana: ensaios sobre Aruba antes da vinda da indústria petrolífera"]. Países Baixos: Bloemendaal.

Fernando Rosa Ribeiro

Prof. Visitante
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Catarina

“Aruba é ilha de índios e minas de ouro, da exploração de fosfato e do cultivo do aloé. Lá também [assim como nas ilhas vizinhas] tudo fenece por falta de água”. Essa descrição está num relatório de um deputado do parlamento holandês do começo do século, citado em um dos ensaios. Outras descrições – bastante raras nesse canto desolado e outrora esquecido do império colonial neerlandês – tampouco são alentadoras. Os raros visitantes nessa pequena ilha perto da costa venezuelana (que eram em geral párocos ou funcionários do governo) tinham pouco a dizer sobre Aruba – às vezes somente um parágrafo ou poucas linhas. Nas palavras de outro ensaísta arubano no livro, era *“uma ilha insignificante numa colônia insignificante”* (“Colônia de

Curaçau e dependências”, posteriormente “Antilhas Neerlandesas”). Um historiador local me descreveu a ilha como tendo sido “o lugar mais desolado do Caribe”. “Um refúgio para contrabandistas e criminosos procurados” no século dezoito, de acordo com o subtítulo de outro ensaio, Aruba era demasiado seca para ser uma colônia de **plantation**. A despeito de uma renda ocasional derivada do aloé, do fosfato e de algum ouro, a ilha mais ou menos vegetou na pobreza e na seca até o século vinte. Muitos arubanos emigraram para trabalhar nas plantações de açúcar de Cuba e nas plantações de banana colombianas, como mostra Jorge Pietersz em seu ensaio. Então, nos anos vinte, veio o petróleo, no vizinho Lago de Maracaibo na Venezuela, e uma refinaria da Esso (hoje Exxon) que viria a competir com a refinaria da Shell na vizinha Curaçau. Aruba foi inundada por imigrantes do resto do Caribe, da América do Sul, da Europa e dos Estados Unidos. A ilha mudou para sempre. Contudo, os ensaios do livro – em homenagem a Johan Hartog, um dos primeiros historiadores da ilha, que morreu pouco antes do livro sair – só tratam de Aruba antes da indústria petrolífera.

Para entender o livro, é necessário compreender que Aruba já tem seu lugar no mundo: diz-se que é a ilha mais rica do Caribe. Desde 1986 desenvolveu uma indústria turística com muito êxito (cujo alvo são particularmente os turistas americanos e venezuelanos e, em muito menor grau, holandeses e paulistanos). Com a aquisição de um estatuto especial de autonomia em 1986 dentro do Reino dos Países Baixos, a ilha adquiriu uma nova consciência de si própria – ela tem seu parlamento, gabinete ministerial com seu primeiro-ministro, moeda própria e um banco central, apesar de sua população ser de apenas cerca de cem mil pessoas. Tudo isso foi acompanhado pela necessidade de lançar um novo olhar sobre seu passado. Havia pouco para olhar: a ilha era pobre e muito pouco povoada (menos de dez mil habitantes na virada do século). Aruba não poderia reivindicar sua “holandesidade”, já que a metrópole, e mesmo o governo colonial em Curaçau, mal se preocupavam com sua existência. O holandês era uma língua estrangeira que poucos sabiam. Até hoje, apesar de ser a língua oficial, é o papiamento, um crioulo de origem hispânica e com influências africanas, que é usado, inclusive em debates no parlamento e no noticiário da TeleAruba. A ilha tampouco tem tradições pitorescas, e pouca música, arte ou literatura. Com um passado um tanto sonolento, e pouco identificado com a metrópole, a arqueologia, mais que a história, tornou-se fundamental para a construção da identidade arubana. Embora

sua história seja rala, a arqueologia da ilha é bastante rica, como as contínuas escavações da ilha mostram ao revelar o rico passado índio de Aruba. Os índios caiquetios navegavam entre a ilha e o continente e só desapareceram no século dezanove, quando se miscigenaram com a população branca e negra local. Os arubanos de cepa se pensam como brancos de origem indígena. Essa identificação com um passado indígena, e a elisão de qualquer referência à escravidão, tornam a ilha quase um caso único no contexto das Pequenas Antilhas.

Contudo, a Aruba de hoje dificilmente pode ser chamada de indígena ou mesmo de arubana: cerca de 42% da população são imigrantes (e muitos dos outros são filhos ou netos de antigos imigrantes). A mudança enorme causada pela indústria petrolífera foi seguida da mudança igualmente grande causada pela indústria turística. Claro, os arubanos podem cultivar seu passado como quiserem. Entretanto, talvez o próximo volume de história da ilha deveria ser devotado à Aruba das últimas décadas, com seus conflitos étnicos. Seu título bem que poderia ser, fazendo um trocadilho literalista, **Arubaans diskkoord**.